



## **MINI-HISTÓRIAS: o cotidiano na educação infantil**

### ***MINI-STORIES: everyday life in early childhood education***

Juliana Alves Pereira Senhor<sup>1</sup>  
Joana Diógenes Saldanha Irineu<sup>2</sup>

#### **RESUMO:**

Este relato de experiência apresenta a implementação do projeto *Mini-histórias: o cotidiano na Educação Infantil*, desenvolvido em 2024 no Centro de Educação Infantil (CEI) Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza, em Fortaleza. Teve como objetivo ressignificar as práticas de documentação pedagógica, a fim de dar visibilidade ao processo de aprendizagem por meio da produção de narrativas breves sobre episódios significativos do cotidiano das crianças. Trata-se de uma experiência de abordagem qualitativa, fundamentada na documentação pedagógica como dispositivo investigativo e formativo, realizada a partir de observação participante, registros escritos, fotográficos e audiovisuais. Inspirado nas contribuições de Oliveira-Formosinho e Pascal (2019), Fochi (2019), e na Base Nacional Comum Curricular (2018), que reconhecem as crianças como sujeitos de direitos, produtoras de cultura e participantes ativas de sua aprendizagem. O projeto envolveu inicialmente duas turmas, Berçário e Infantil II A, e posteriormente foi ampliado para todo o CEI. Os resultados evidenciaram a qualificação do olhar docente, o fortalecimento do planejamento pedagógico e a ampliação do diálogo com as famílias. Conclui-se que a documentação pedagógica, por meio das mini-histórias, constitui-se como instrumento formativo, por ressignificar a forma de avaliar os processos de aprendizagem das crianças e por atribuir centralidade ao cotidiano como espaço de produção de sentidos.

**Palavras-chave:** Documentação pedagógica. Infância. Escuta sensível. Cotidiano escolar.

#### **ABSTRACT:**

This experience report presents the implementation of the project “Mini-stories: everyday life in Early Childhood Education,” developed in 2024 at the Ana Amélia

<sup>1</sup> Mestranda em Artes pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará, IFCE. Professora da secretaria de educação de Fortaleza/CE.

<sup>2</sup> Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Professora da secretaria de educação de Fortaleza/CE.

Bezerra de Menezes e Souza Early Childhood Education Center (CEI) in Fortaleza. Its objective was to reframe pedagogical documentation practices in order to give visibility to the learning process through the production of short narratives about significant episodes in the children's daily lives. This is a qualitative approach, grounded in pedagogical documentation as an investigative and formative tool, carried out through participant observation, written, photographic, and audiovisual records. It was inspired by the contributions of Oliveira-Formosinho and Pascal (2019), Fochi (2019), and the Brazilian National Common Curriculum Base (2018), which recognize children as subjects of rights, producers of culture, and active participants in their learning. The project initially involved two classes, Nursery and Kindergarten II A, and was later expanded to the entire CEI. The results highlighted the improvement in teachers' observation skills, the strengthening of pedagogical planning, and the expansion of dialogue with families. It is concluded that pedagogical documentation, through mini-stories, constitutes a formative instrument, by re-signifying the way children's learning processes are evaluated and by attributing centrality to daily life as a space for the production of meaning.

**Keywords:** Pedagogical documentation; Childhood; Sensitive listening; Everyday school life.

## 1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como objeto o projeto *Mini-histórias: o cotidiano na Educação Infantil*, desenvolvido no Centro de Educação Infantil (CEI) Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza, em Fortaleza, durante o ano de 2024. A proposta nasceu de inquietações compartilhadas entre duas professoras da instituição, diante das limitações observadas nos instrumentos tradicionais de registro e de avaliação do desenvolvimento infantil, como relatórios descritivos e fichas de acompanhamento, que se mostravam insuficientes para expressar a complexidade das experiências vividas pelas crianças no cotidiano escolar. Observamos que esses registros, embora importantes, não davam conta da riqueza das interações, das descobertas e das múltiplas linguagens por meio das quais os bebês e as crianças pequenas constroem conhecimento e se relacionam com o mundo.

Essa constatação inicial revelou um problema que se tornou nossa questão central: como documentar o cotidiano da Educação Infantil de modo que os registros pedagógicos consigam traduzir, com sensibilidade e profundidade, as experiências, os afetos e as aprendizagens das crianças, em diálogo constante com suas famílias e com a comunidade escolar? Dessa forma, a hipótese que orientou nossa investigação foi a de que a produção de narrativas breves, as chamadas

mini-histórias, poderia constituir-se como um instrumento formativo e comunicativo capaz de tornar visíveis os processos de aprendizagem e os modos singulares de ser e de estar das crianças, o que fortalece os vínculos entre os sujeitos envolvidos na prática educativa.

A partir dessa hipótese, formulamos o objetivo geral de ressignificar as práticas de documentação pedagógica no CEI Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza, por meio da elaboração e da socialização de mini-histórias que narrassem episódios cotidianos significativos das crianças.

Desdobram-se daí os objetivos específicos: (i) ampliar a escuta sensível e a observação atenta das crianças como fundamentos da ação pedagógica; (ii) promover a reflexão crítica sobre as práticas docentes a partir da análise dos registros narrativos; (iii) fortalecer o vínculo entre escola e famílias, criando espaços de diálogo e corresponsabilidade na educação das crianças.

A relevância desta investigação residiu na busca por práticas mais humanas, dialógicas e esteticamente sensíveis, que contivessem escuta, registro e reflexão. Nesse processo, ancoramo-nos nos aportes teóricos de Oliveira-Formosinho e Pascal (2019), que concebem a documentação pedagógica como um processo de coautoria entre crianças, educadores e famílias, e de Paulo Fochi (2019), que compreende as mini-histórias como expressões narrativas das infâncias em sua pluralidade. Esses referenciais dialogaram com as concepções da Educação Infantil expressas na Base Nacional Comum Curricular (2018) e no Documento Curricular Referencial do Ceará (2019), os quais reconhecem as crianças como sujeitos de direitos, produtores de cultura e participantes ativos de sua própria aprendizagem.

Metodologicamente, a experiência desenvolveu-se a partir da escuta atenta e da observação participante, e adotou a documentação pedagógica como eixo norteador da prática investigativa. Essa abordagem nos permitiu transformar o cotidiano escolar em espaço legítimo de pesquisa e de formação, em que cada gesto, fala, silêncio ou brincadeira tornava-se fonte de estudo e conhecimento sobre a infância.

A originalidade da proposta consistiu, portanto, em atribuir caráter narrativo às experiências diárias das crianças, convertendo-as em mini-histórias que funcionaram simultaneamente como registros avaliativos, instrumentos de diálogo e dispositivos formativos para professoras e famílias.

## 2 METODOLOGIA

O projeto *Mini-histórias: o cotidiano na Educação Infantil* configurou-se como um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, fundamentado na perspectiva da documentação pedagógica como instrumento investigativo, formativo e comunicativo. A pesquisa foi desenvolvida ao longo do ano de 2024 no CEI Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza, pertencente à rede pública municipal de Fortaleza, com o propósito de compreender e de tornar visíveis os processos de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças a partir de suas experiências cotidianas.

Inicialmente, participaram da experiência as crianças das turmas do Berçário (6 a 18 meses) e do Infantil II A (2 anos), bem como as professoras regentes dessas turmas (autoras deste relato) com o apoio da coordenação pedagógica e de uma docente da pré-escola. À medida que as ações foram desenvolvidas, a iniciativa ganhou visibilidade no CEI, que despertou o interesse de outros profissionais em aprofundar estudos sobre a documentação pedagógica. Diante dessa mobilização, estruturou-se um movimento formativo voltado à ampliação de saberes e à qualificação das práticas na unidade escolar. O processo teve a adesão de docentes de todas as turmas, o que conferiu caráter institucional à experiência.

A expansão das ações para todo o CEI se estruturou em três etapas: a primeira foi pesquisa e planejamento, em que realizamos encontros formativos para estudo dos referenciais teóricos e para definição das estratégias de observação e registro; a segunda foi o desenvolvimento da documentação pedagógica, durante a qual produzimos as mini-histórias a partir das situações observadas, articulando-as às reflexões coletivas do grupo docente; e a terceira foi a exposição e a socialização das mini-histórias, momento em que os registros foram compartilhados com as famílias e a comunidade escolar, que favoreceu a escuta mútua e a construção de sentidos compartilhados.

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica da observação, conduzida de forma contínua e reflexiva, acompanhada de registros escritos, fotográficos e audiovisuais. Tais registros deram origem às mini-histórias, narrativas breves elaboradas pelas professoras a partir de episódios significativos do cotidiano escolar. Cada narrativa representou um fragmento da vida das crianças, ao revelar aspectos

de suas aprendizagens, relações, curiosidades e descobertas.

A seleção dos episódios considerados significativos para a elaboração das mini-histórias baseou-se em critérios previamente discutidos pelo grupo docente durante os encontros formativos. Foram priorizadas situações que evidenciassem processos de aprendizagem em curso, manifestações de autoria infantil, interações que revelassem construção de vínculos, curiosidades investigativas ou deslocamentos no modo de agir das crianças. Buscou-se evitar registros meramente ilustrativos ou descritivos, privilegiando episódios que permitissem análise pedagógica e diálogo com os referenciais teóricos adotados. Tal definição fortaleceu o rigor metodológico da proposta e conferiu intencionalidade à produção das narrativas.

A análise dos dados foi realizada por meio da leitura interpretativa das mini-histórias, à luz dos referenciais teóricos de Oliveira-Formosinho e Pascal (2019) e Fochi (2019), articulados às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (2018), do Documento Curricular Referencial do Ceará (2019) e da Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza (2020). O procedimento analítico teve caráter indutivo, na perspectiva de buscar compreender o significado pedagógico e simbólico das experiências infantis, bem como as transformações observadas nas práticas das educadoras e nas relações escola-família.

A opção metodológica pela documentação pedagógica nos permitiu tratar o cotidiano escolar como campo empírico e formativo, em que a escuta, o olhar e a escrita docente constituíram-se como instrumentos de investigação. O caminho percorrido revelou-se coerente com os princípios da pesquisa qualitativa, pois valorizou o contexto, a subjetividade e a singularidade das experiências, o que favoreceu a construção de conhecimento a partir da vivência e da reflexão coletiva.

## **2.1 Etapa 1 – Pesquisa e planejamento**

A etapa inicial da expansão do projeto foi dedicada à construção coletiva de uma base teórico-metodológica que sustentasse nossa prática reflexiva e orientasse a elaboração das mini-histórias como instrumento sensível de documentação pedagógica. Iniciamos este percurso com a intenção de repensar o modo como registrávamos as experiências das crianças e de fundamentar teoricamente as ações que iríamos desenvolver. Assim, delineamos um processo intencional de

estudo e de planejamento, que envolveu as professoras e a equipe pedagógica do CEI Ana Amélia Bezerra de Menezes e Souza.

Nosso ponto de partida foi uma reunião de sensibilização, com o objetivo de apresentar a proposta ao grupo, discutir seus fundamentos e refletir sobre sua pertinência no contexto da Educação Infantil. Nesse encontro, procuramos sensibilizar a equipe em torno da escuta atenta das crianças e da valorização dos pequenos acontecimentos cotidianos como matéria significativa para o trabalho pedagógico e para a produção das narrativas.

Em continuidade ao processo formativo, organizamos encontros em pequenos grupos durante os horários de planejamento semanal, com foco na análise de registros e na problematização das experiências vividas no CEI. Esses momentos priorizaram a leitura crítica de narrativas já produzidas, a reflexão sobre critérios de seleção dos episódios e o exercício coletivo da escrita interpretativa. O trabalho colaborativo favoreceu a construção de um repertório comum de análise e ampliou a segurança das professoras na elaboração das mini-histórias, fortalecendo a dimensão reflexiva da prática.

Durante os estudos, aprofundamos a compreensão sobre a origem, os princípios e os propósitos da documentação pedagógica, apoiando-nos em referenciais teóricos e em documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (2018), o Documento Curricular Referencial do Ceará (2019) e a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza (2020). Esses referenciais contribuíram para fundamentar a compreensão de que a criança é sujeito de direitos, produtora de cultura e protagonista de suas aprendizagens.

Esses referenciais também evidenciam que as práticas pedagógicas devem ser propostas com intencionalidade educativa, de modo a garantir os direitos de aprendizagem e de desenvolvimento. Para isso, destaca que é fundamental propor experiências desafiadoras que coloquem a criança em posição ativa, favorecendo a construção de significados acerca de si, dos outros e do mundo social e natural, bem como apoiar a criança no desenvolvimento de suas experiências. Atendidas essas condições, torna-se possível construir um processo avaliativo que favoreça a melhoria da prática pedagógica e do desenvolvimento infantil.

Nessa perspectiva, passamos a refletir sobre as dimensões estéticas e expressivas das mini-histórias, entendendo-as como narrativas que conferem

sentido às experiências das crianças e provocam deslocamentos no olhar docente. Inspiradas em Lino (2018), reconhecemos que é papel do educador criar contextos que favoreçam as múltiplas linguagens da infância – gestos, falas, desenhos, silêncios e movimentos – como manifestações legítimas de pensamento e de imaginação.

Ressaltamos que essa primeira etapa foi essencial para fortalecer nosso compromisso ético e estético com uma educação que acolhe a diversidade das infâncias e reconhece o cotidiano como território formativo. Ao revisitarmos nossas práticas e trocarmos experiências entre pares, exercitamos a autoavaliação e a construção compartilhada do currículo, reafirmando a importância da escuta, da observação e da escrita sensível como caminhos de pesquisa e de transformação pedagógica.

Cabe destacar que um dos principais desafios dessa etapa esteve relacionado à organização dos encontros formativos. A incompatibilidade entre os horários de planejamento dos professores impossibilitou a realização das reuniões com o grupo completo, o que exigiu a divisão das formações em pequenos grupos. Essa fragmentação prolongou o tempo necessário para a conclusão de cada ciclo de estudos e demandou maior articulação com a coordenação pedagógica. Tal situação evidencia que o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais reflexivas depende de condições institucionais adequadas, especialmente da ampliação e qualificação do tempo destinado à hora-atividade docente.

## **2.2 Etapa 2 – Desenvolvimento da documentação pedagógica**

Nesta etapa, concentramos nosso trabalho na elaboração das mini-histórias, concebidas como estratégias de escuta qualificada e de construção de sentidos a partir das experiências vividas pelas crianças no cotidiano institucional. As mini-histórias foram compreendidas por nós como narrativas que revelaram modos singulares de ser, de sentir e de estar no mundo, o que contribuiu para o fortalecimento da identidade, da autonomia e da autoria infantil.

Iniciamos o processo com o registro sensível das situações cotidianas observadas nos espaços do CEI. As anotações foram realizadas a partir da observação atenta e da escuta ativa das crianças, considerando seus gestos, expressões, falas, brincadeiras e interações. Utilizamos diferentes formas de

documentação, como registros escritos, fotografias, vídeos e produções infantis espontâneas, que nos permitiram captar a intensidade e a sutileza das experiências vividas, muitas vezes efêmeras, mas repletas de significados.

Durante os momentos de planejamento, analisamos os registros produzidos, com o objetivo de compreender o que eles revelavam sobre as aprendizagens, os vínculos e os modos de participação das crianças. Essas leituras reflexivas possibilitaram identificar aspectos visíveis e subjetivos das ações infantis, suas iniciativas, afetos, curiosidades e interações, reconhecendo a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem.

A produção das mini-histórias ocorreu a partir da seleção criteriosa de episódios significativos. Nessa perspectiva, priorizamos situações em que as crianças expressaram suas ideias, resolveram desafios, criaram vínculos e demonstraram autonomia nas brincadeiras e nas relações. As narrativas foram escritas de modo a preservar o olhar sensível do educador, a fim de transformar momentos simples do cotidiano em registros de grande valor pedagógico.

As contribuições de Oliveira-Formosinho e Pascal (2019) sustentaram a compreensão da documentação pedagógica como prática relacional e democrática, na qual o registro não é mero arquivo, mas construção coletiva de sentido. Já Fochi (2019) ofereceu a base conceitual para entender as mini-histórias como narrativas que evidenciam processos e não apenas resultados, deslocando o foco da avaliação para a experiência vivida. Lino (2018), por sua vez, contribuiu para ampliar a noção de múltiplas linguagens da infância, aspecto fundamental para interpretar gestos, silêncios e expressões corporais como manifestações legítimas de pensamento. Essa interlocução teórica permitiu que a prática descrita ultrapassasse o campo descritivo e se afirmasse como posicionamento pedagógico fundamentado.

Com o amadurecimento dessa prática, a documentação passou a ocupar um lugar central em nosso fazer pedagógico, tornando-se eixo de articulação entre planejamento, avaliação e reflexão. As mini-histórias consolidaram-se como registros capazes de dar visibilidade às aprendizagens e aos percursos das crianças, promovendo um currículo vivo, situado e dialogado. Por meio delas, ampliamos nosso olhar sobre a infância e reafirmamos o compromisso com uma pedagogia baseada na escuta, na presença e na construção coletiva de sentidos.

Com o apoio financeiro institucional por meio do Edital de Financiamento de

Boas Práticas nº 01/2024/SME, promovido pela Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza, foi possível sistematizar as ações e reafirmar o valor das práticas que colocam a escuta das crianças no centro do fazer pedagógico. Ao longo do percurso, confirmou-se que a documentação narrativa das experiências cotidianas amplia o sentido de pertencimento, fortalece vínculos e ressignifica o papel da escola como espaço de produção compartilhada de saberes e de afetos.

Observou-se que algumas professoras enfrentaram dificuldades na realização dos registros fotográficos e na elaboração de narrativas com maior aprofundamento reflexivo, o que gerou inseguranças quanto à continuidade da experiência. Diante desse contexto, estruturou-se um acompanhamento formativo mais próximo, baseado na troca entre pares e na valorização das trajetórias individuais. Destacamos que a heterogeneidade do grupo, especialmente no que se refere às habilidades técnicas relacionadas ao uso de recursos midiáticos, exigiu escuta, diálogo e apoio contínuo. Esse movimento coletivo permitiu superar resistências iniciais e consolidar a proposta como prática compartilhada.

Ao final dessa etapa, tornou-se evidente que a construção de uma cultura de documentação demanda tempo, formação e confiança, reafirmando o caráter processual e colaborativo do trabalho pedagógico.

### **2.3 Etapa 3 – Exposição e socialização das mini-histórias**

Após concluirmos a elaboração das mini-histórias, produzidas a partir da escuta sensível e da documentação atenta das experiências das crianças, iniciamos a etapa de socialização das narrativas com a comunidade escolar. Essa fase foi planejada de forma intencional e contínua, com o objetivo de fortalecer o diálogo entre o CEI e as famílias, além de valorizar os processos vividos pelas crianças. Com esse propósito, estabelecemos uma periodicidade quinzenal para as exposições, de modo que o compartilhamento das produções se tornasse parte integrante do cotidiano pedagógico.

A organização dos espaços expositivos foi pensada como uma extensão do processo educativo. Logo, corredores, entradas de salas, pátios e áreas de convivência foram ressignificados, assumindo funções comunicativas, estéticas e afetivas. Em cada exposição, dispusemos as narrativas de forma que as crianças se reconhecessem nelas, tornando visíveis suas descobertas, gestos, falas e

interações. Essa ambientação estética também convidava as famílias e demais visitantes a um olhar mais demorado e sensível sobre as experiências infantis.

Buscamos garantir que todas as crianças fossem representadas nas exposições. Nesse sentido, selecionamos tanto episódios individuais quanto vivências coletivas, a fim de respeitar as particularidades e os diferentes modos de expressão de cada grupo. As mini-histórias expostas destacaram momentos de exploração, de cuidado, de imaginação e de convivência, o que tornou visíveis os processos de aprendizagem construídos no cotidiano.

A socialização das narrativas contribuiu para a constituição de uma escuta coletiva e para o fortalecimento do vínculo entre escola e famílias. As histórias compartilhadas passaram a exercer função comunicativa e afetiva, permitindo aos familiares compreender com maior profundidade a rotina das crianças e os processos envolvidos em seu desenvolvimento. Ao reconhecerem o valor formativo das experiências cotidianas, ampliaram seu olhar sobre o trabalho pedagógico realizado na instituição. Essa aproximação favoreceu o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade, consolidando a participação das famílias como parte ativa do percurso educativo.

Inspiramo-nos em Fochi (2019), que compreende a socialização das mini-histórias como uma oportunidade para construir significados compartilhados dentro da comunidade educativa. Ao tornar público o processo de aprendizagem das crianças, ampliamos as possibilidades de diálogo e abrimos espaço para que diferentes sujeitos contribuíssem com suas interpretações e seus afetos.

Assim, as mini-histórias ultrapassaram a função de registros documentais, e transformaram-se em dispositivos de reflexão e de construção conjunta de sentidos. Ao circularem pelos diversos espaços do CEI e chegarem às famílias, fortaleceram os laços de pertencimento, valorizaram as experiências singulares das crianças e reafirmaram nosso compromisso ético, estético e pedagógico com uma educação pautada na escuta, no diálogo e na valorização da infância.

### **3 DISCUSSÃO**

Ao concluirmos o projeto *Mini-histórias: o cotidiano na Educação Infantil*, analisamos os resultados à luz dos objetivos traçados no início da experiência. Desse modo, constatamos que a documentação narrativa das vivências cotidianas

ampliou a escuta pedagógica, qualificou as relações estabelecidas na instituição e contribuiu para a ressignificação das práticas educativas. A elaboração das mini-histórias constituiu-se como estratégia formativa e mediadora entre o vivido pelas crianças e sua interpretação pedagógica. Nessa perspectiva, reafirmou o valor das infâncias e fortaleceu o sentido de comunidade no contexto escolar.

Os resultados obtidos mostraram que a produção das mini-histórias gerou transformações concretas nos campos pedagógico, relacional e institucional. No âmbito pedagógico, a sistematização dos registros tornou visíveis aprendizagens antes pouco perceptíveis nos instrumentos avaliativos tradicionais. As professoras desenvolveram um olhar mais sensível e investigativo sobre o cotidiano, o que se refletiu em planejamentos mais intencionais e contextualizados. Essa postura dialoga com o que defendem Oliveira-Formosinho e Pascal (2019), ao compreenderem a documentação pedagógica como uma prática que articula observação, reflexão e diálogo.

Constatamos também o fortalecimento do protagonismo infantil. As crianças demonstraram entusiasmo e alegria ao se reconhecerem nas narrativas expostas, o que evidenciou o sentimento de pertencimento e a consciência de que suas ações têm valor e significado. Essa visibilidade das produções infantis contribuiu para o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e das competências socioemocionais previstas na BNCC (2018), como a comunicação, a empatia e a cooperação. As mini-histórias permitiram que gestos simples, como uma conversa entre pares, uma brincadeira inventada, um cuidado com o outro, fossem reconhecidos como expressões legítimas de aprendizagem.

Outro aspecto relevante foi o impacto sobre o diálogo entre escola e famílias. A socialização das narrativas promoveu aproximações afetivas e comunicativas e permitiu que os familiares acompanhassem com maior sensibilidade os processos de desenvolvimento das crianças. Esse movimento colaborativo ampliou o sentimento de corresponsabilidade na comunidade educativa e confirmou a importância da documentação pedagógica como linguagem compartilhada de escuta, de diálogo e de afeto.

Do ponto de vista teórico, os resultados obtidos reafirmaram o que apontam Fochi (2019) e Lino (2018): a documentação narrativa é uma prática que humaniza o olhar do educador, porque o convida a reconhecer a criança como sujeito cultural,

capaz de produzir conhecimento e sentido em suas interações. A experiência, assim, confirmou nossa hipótese inicial, e ampliou a compreensão de que o cotidiano escolar é um campo legítimo de pesquisa e de formação, em que o educador aprende com e sobre as crianças ao narrar suas experiências.

Cabe destacar, entretanto, que o percurso não se deu sem desafios. A produção das mini-histórias exigiu reorganização do tempo institucional e revisão de concepções avaliativas ainda centradas em modelos padronizados. Algumas professoras demonstraram insegurança inicial diante da escrita interpretativa, o que demandou acompanhamento formativo contínuo. Além disso, a permanência da proposta depende de condições institucionais favoráveis, como tempo para planejamento coletivo e apoio da gestão. Tais aspectos indicam que a documentação pedagógica não se consolida como mero procedimento técnico, mas como escolha ética e política que requer compromisso coletivo e sustentação institucional.

#### **4 CONCLUSÃO**

O desenvolvimento do projeto *Mini-histórias: o cotidiano na Educação Infantil* permitiu compreender que registrar o cotidiano das crianças ultrapassa a função avaliativa e assume dimensão ética e política. Ao interpretar narrativamente as experiências vividas na instituição, o trabalho docente ganhou densidade reflexiva, as relações com as famílias se tornaram mais consistentes e o sentimento de pertencimento se consolidou no espaço escolar.

O percurso, entretanto, evidenciou exigências concretas: tempo para elaboração dos registros, investimento em formação e condições institucionais que sustentem a continuidade da proposta. Esses fatores indicam que a documentação pedagógica demanda compromisso coletivo e não se reduz a um procedimento técnico incorporado à rotina.

Os resultados alcançados apontam para uma mudança na compreensão da avaliação na Educação Infantil. Em lugar de instrumentos centrados na mensuração, afirma-se uma perspectiva que valoriza processos, reconhece singularidades e legitima o cotidiano como espaço de aprendizagem. Ao tornar visíveis as experiências infantis, a prática fortalece o direito das crianças à escuta e à expressão.

A experiência indica, ainda, a necessidade de ampliar o debate sobre o uso da narrativa como instrumento de formação docente e de produção de conhecimento na educação básica. Registrar, interpretar e compartilhar o vivido pelas crianças revelou-se um modo de qualificar o trabalho pedagógico e reafirmar uma concepção de infância pautada no respeito, na participação e na construção coletiva de sentidos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

FOCHI, Paulo. **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil (OBECI)**. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

FORTALEZA. Secretaria Municipal da Educação. **Proposta Curricular para a Educação Infantil de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2020.

LINO, Dalila. A abordagem pedagógica de Reggio Emilia para a creche. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; ARAÚJO, Sara Barros (Orgs.). **Modelos pedagógicos para a educação em creche**. Porto: Porto Editora, 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christine. Documentação pedagógica e avaliação na Educação Infantil: um caminho para a transformação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (Org.). **A documentação pedagógica: revelando a aprendizagem solidária**. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2019.